

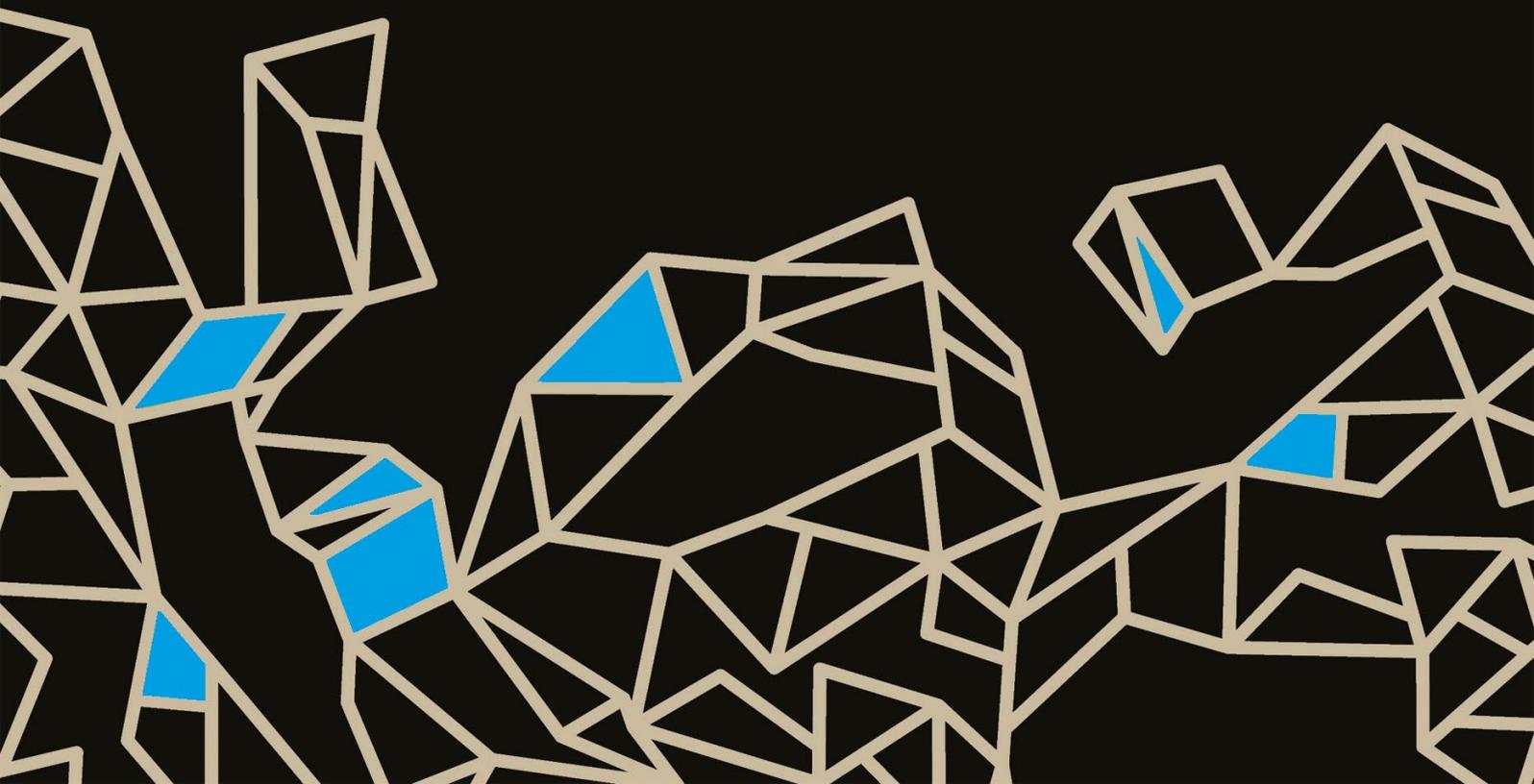


sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v20i2p1-3

EDITORIAL

Luiz Fernando Ramos &
Sílvia Fernandes



Depois de 20 anos de trajetória ininterrupta, a revista *Sala Preta* lança seu último número. Para concluir o ciclo e celebrar este final com o devido júbilo, os editores homenageiam o experimento mais longo, singular e potente da teatralidade brasileira: o Teatro Oficina, hoje renomeado Uzyna Uzona.

O Oficina cumpriu uma trajetória absolutamente única, não só no país, mas mesmo em termos mundiais. Há mais de 60 anos liderado por Zé Celso Martinez Correa, encenador, dramaturgo e ator, fez vários ciclos criativos sempre de modo vital e transformador, numa espécie de revolução permanente da arte vida. O ciclo mais recente, iniciado em 1994 com a estreia de *Ham-let*, no novo/velho espaço do grupo, projetado pela italiana Lina Bo Bardi, culminou com *Os Sertões* (2002-2007), a partir do livro de Euclides da Cunha, em cinco encenações antológicas apresentadas tanto na Europa como na região árida a que remete a obra. Mas o arco virtuoso prosseguiu nos anos seguintes em muitas outras produções impactantes, até agora, em 2021, com uma segunda montagem de *Esperando Godot* (a primeira foi no ano 2000), contida só temporariamente pela pandemia da Covid-19.

Nesses últimos 27 anos, como um “anarquista coroadado”, Zé Celso liderou a legião de jovens artistas que, naquele “terreiro eletrônico”, constituíram o império do coro. Neste, há em comum uma consciência aguda que rechaça o entendimento do teatro e da teatralidade como cultura, ou como um assunto culto. Por isso, o Oficina parece imunizado de tratar as influências e correntes estrangeiras como modelos a copiar ou desenvolver, ou mesmo de pensar a cena como problema estético. Há ali encarnada uma vontade de saber que é prática, sempre atualizada nos corpos atuantes, e que percebe a vida como devoração, na inspiração da antropofagia de Oswald de Andrade, e rejeita o teatro metafísico, idealizado e espiritualizado, o teatro como ideia ou como expressão estética autônoma.

Esta opção foi crucial para o futuro Uzyna Uzona, desde quando desbravada, já no início dos anos 1970, com *Gracias Señor*, e o é até hoje, 50 anos e uma dezena de espetáculos memoráveis depois. Foi mesmo uma ação coletiva que devorou ali a teatralidade ocidental e projetou um “trabalho novo” ou novas arte e vida indissociáveis, para além dos individualismos e em busca de uma ação radical, fazer do teatro “te-ato”. E tudo isto com a graciosa contradição de ser proposto por um mesmo condutor, lúcido e

alucinado, mas encenador ímpar, que agregou Artaud e Brecht, Beckett e Grotowski, Wagner e João Gilberto, teatro e performance e que nunca se cansou de ser moderno.

Para dar passagem a todas as possíveis dimensões que uma reflexão sobre este objeto tão complexo ensejasse, esse presente número especialíssimo da Sala Preta organizou-se em três partes. *Oficina pelo Oficina* reúne colaborações de artistas protagonistas da história e da obra deste coletivo. O abre alas, Zé Celso, retribui a homenagem da revista com uma louvação afetuosa que muito honra os editores. A seção *O Oficina* apresenta ensaios especulativos de alguns dos pesquisadores brasileiros que se detiveram sobre este objeto. *Oficina pela crítica* é, ao mesmo tempo, uma homenagem à crítica que acompanhou de forma mais sistemática a saga do Oficina, Mariângela Alves de Lima, e a reunião da sua fortuna crítica sobre o grupo, agora aqui disponível e organizada.

Impossível não agradecer, nesta última edição da revista, a todos os editores, autores, consultores e leitores que nos últimos 20 anos colaboraram a que ela se tornasse uma publicação relevante no campo dos estudos e das práticas artísticas no país.

